

**A Natureza Brasileira na Confluência das Noções de Patrimônio,
Identidade e Ideologia**

The Brazilian Nature in the Confluence of the Notions of Heritage, Identity and Ideology

*La naturaleza brasileña en la confluencia de las nociones de patrimonio, identidad e
ideología*

João Adalberto Campato Jr.

Professor Doutor, Universidade Brasil, Brasil
campatojr@gmail.com

RESUMO

Exame metódico da gênese da ideia de natureza paradisíaca brasileira e de seu uso ideológico para fins de divulgação de uma política conservadora e elitista por meio da qual se propaga o juízo de que a natureza edênica do Brasil constitui um privilégio que compensaria quaisquer mazelas sociais do país. Levou-se a cabo tal estudo por meio do paradigma qualitativo, concretizado por pesquisas bibliográfica e documental. O referencial teórico, por sua vez, foi fornecido pela ecocrítica e pelos estudos culturais. Com efeito, demonstrou-se que a beleza do meio ambiente foi usada, em textos artísticos, documentais e historiográficos, desde os primórdios do Brasil, com a **Carta de Caminha** (1500), por exemplo, até os dias de hoje, com vistas a oferecer um ideário conservador para apaziguar eventuais reivindicações sociais e políticas das classes mais baixas, compensando tais demandas com a distinção da vida num espaço paradisíaco.

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica. Ideologia. Natureza Brasileira. Patrimônio Natural.

ABSTRACT

Methodical examination of the genesis of the idea of Brazilian paradisiacal nature and its ideological use for the purpose of disseminating a conservative and elitist policy through which the judgment that the Edenic nature of Brazil is a privilege that would compensate for any social ills in the country. Such study was carried out through the qualitative paradigm, concretized by bibliographical and documentary research. The theoretical framework, in turn, was provided by ecocritics and cultural studies. Indeed, it has been demonstrated that the beauty of the environment has been used, in artistic, documentary and historiographical texts, since the beginning of Brazil, with the Letter of Caminha (1500), for example, until today, with a view to offer a conservative ideal to appease any social and political demands of the lower classes, compensating these demands with the distinction of life in a paradisiacal space.

KEYWORDS: Ecocritics. Ideology. Brazilian Nature. Natural patrimony.

RESUMEN

Examen metódico de la génesis de la idea de la naturaleza paradisíaca brasileña y su uso ideológico con el fin de difundir una política conservadora y elitista a través de la cual el juicio de que la naturaleza edénica de Brasil es un privilegio que compensaría cualquier enfermedad social en el país. Dicho estudio se realizó a través del paradigma cualitativo, concretado por la investigación bibliográfica y documental. El marco teórico, a su vez, fue proporcionado por la ecocrítica y los estudios culturales. De hecho, se ha demostrado que la belleza del medio ambiente se ha utilizado, en textos artísticos, documentales e historiográficos, desde el comienzo de Brasil, con la Carta de Caminha (1500), por ejemplo, hasta hoy, con miras a ofrecen un ideal conservador para apaciguar cualquier demanda social y política de las clases bajas, compensando tales demandas con la distinción de la vida en un espacio paradisíaco.

PALABRAS CLAVE: Ecocrítica. Ideología. Naturaleza brasileña Patrimonio natural.

1 INTRODUÇÃO

Patrimônio é algo que adquire relevância seminal e simbólica para uma coletividade humana e que se transmite ao longo das gerações como uma espécie de herança benfazeja ou de partilha de bens, promovendo a identidade. A essa luz, torna-se curioso reparar que, do ponto de vista etimológico, patrimônio está ligado ao vocábulo latino *pater*, que significa “pai”.

O patrimônio pode ser compreendido como os elementos materiais e imateriais, naturais ou culturais, herdados do passado ou criados no presente, no qual um grupo de indivíduos reconhece sinais de sua identidade (ZANIRATO, 2009). O patrimônio, no juízo de Nestor Canclini (1994, p.96), “expressa a solidariedade que une os que compartilham um conjunto de bens e práticas que os identifica”. A sobrevivência do patrimônio apenas é passível de ser assegurada se a necessidade de sua proteção for compreendida pela população. A preservação e a proteção concretizam-se na ação das comunidades que com eles se relacionam, por meio de uma estratégia de identificação, conservação, estudo e, finalmente, difusão.

Em virtude de seu alcance histórico, de sua beleza física, de seu rico valor cultural, de sua monumentalidade, de constituir um repositório de complexas afetividades e de investimentos subjetivos, o patrimônio e suas manifestações fomentam essa coesão identitária de que se vem tratando e um sentimento de pertencimento entre o grupo que compartilha de tais elementos. Nos limites deste artigo, a atenção será concentrada na natureza patrimonial brasileira, ou seja, nas paisagens naturais, florestas, rios, relevos, clima, que foram sendo dotadas e acrescidas de valor patrimonial, no sentido de serem reconhecidos como representativos da identidade nacional em função de seu aspecto majestoso e diferenciado em relação à natureza europeia. Vale esclarecer que nem todas os aspectos patrimoniais da natureza brasileira que serão aqui observados são considerados oficialmente patrimônio natural brasileiro.

O processo de patrimonialização da natureza e sua consequente textualização no decorrer da história atendeu a projetos ideológicos de diferentes matizes, que conservavam em comum o desejo de persuadir as pessoas a respeito do fato de que a opulência da natureza brasileira constituía motivo bastante para que nos orgulhássemos de nossa terra e governo, uma vez que o espaço brasileiro bem poderia ser uma das possíveis encarnações do paraíso na terra ou do Eldorado.

Em outras palavras, investir no elogio sistemático da natureza americana brasileira era legitimar e naturalizar a criação de uma concepção de patrimonial de natureza, fomentando a manutenção do *status quo* social, econômico e político. Vivendo sob uma natureza de tal forma abençoada por Deus, por que os brasileiros haveriam de desejar mudanças? Por que não conservar o que já era bom e bonito? Eis, pois, as perguntas retóricas que as classes dominantes desejavam que as classes subalternas se colocassem.

Em decorrência de um processo dinâmico de textualização do discurso ufanista atrelado à natureza, surgiram, desde o século XI, textos verbais e não verbais dos mais variados gêneros – diários, cartas, crônicas, documentos históricos, poemas, canções, quadros, etc - apostando na feição laudatória de retratar o meio natural. Inicialmente, por motivos políticos e nacionalistas, o elogio processava-se por meio da comparação com a natureza decrépita do Velho Mundo, especialmente a de Portugal. Esse movimento era fortemente identitário e relacional na medida

em que sinalizava para aspectos que nos distanciavam de Portugal.

Observa-se, portanto, um emprego ideologicamente persuasivo da dimensão patrimonial da natureza brasileira. O discurso das classes sociais hegemônicas apropria-se do ambiente natural brasileiro, plasmando-lhe uma figuração edênica, veiculada aos quatros cantos e que termina por forjar uma identidade nacional amparada no patrimônio natural. Busca-se, com efeito, caracterizar o Brasil como dono de uma natureza superlativa, criada de conformidade com as mínimas necessidades dos homens. Para tudo resumir: o paraíso terrestre. A natureza fornece espaço amplo, vegetação copiosa, água abundante, clima ameno e ar salubre.

Não paira dúvida de que, quanto ao Brasil, foi a **Carta de Achamento do Brasil** (1988) redigida por Caminha em 1500 o texto que iniciou o processo de superlativização da natureza tropical. O escrivão da frota de Cabral foi seguido por numerosos outros cronistas, navegadores, escritores e intelectuais em geral, que, até hoje, validam a visão ufanista e acrítica da nação, retratando a relação entre o homem e natureza como distensa e desprovida de contratempos. A gênese de determinadas falas que buscam compensar as terríveis mazelas sociais do Brasil exaltando o fato de o país não ter terremotos, tufões ou tsunamis ampara-se nesse discurso ingenuamente ufanista, elitista e de viés conservador.

Na esteira dos estudos de Stuart Hall (2006), sabe-se que a identidade - antes de constituir aspecto fixo, homogêneo e imutável, já nascido com as pessoas - é um processo dinâmico, construído e reconstruído culturalmente ao longo da vida dos seres humanos, apresentando facetas fragmentadas e até contraditórias. Dessa ótica, mostra-se inviável tratar da identidade de um povo como sendo algo uno, acomodado e natural.

Quando se propõe acentuar e realçar - isto é, hierarquizar - este ou aquele aspecto identitário em detrimento de outros, faz-se indispensável saber que há um projeto ideológico de uma classe dominante nessa escolha. Pondo em destaque o caráter edênico do ambiente brasileiro, leva-se adiante a elaboração de uma autoimagem que proporciona ao brasileiro o sentimento identitário de ser um “abençoado” pela providência, que não deve, por isso mesmo, queixar-se de sua situação ou ansiar por mudanças, sobretudo as de classe social. Ideologicamente, pois, foi criado um sentimento imaginário de inclusão.

2 OBJETIVOS

Nessa ordem de considerações, o artigo ora apresentado tem como objetivo geral examinar as relações entre o patrimônio natural e suas representações culturais no Brasil, de sorte a ressaltar sua relevância para a identidade, para o imaginário coletivo, para a memória nacional e para determinados projetos ideológicos.

No que toca aos objetivos específicos, busca-se revelar a gênese histórica de alguns pensamentos ufanistas sobre a natureza brasileira, que poderão, por sinal, ser empregados em diferentes estágios de processos de educação ambiental e patrimonial. Isso porque torna-se imperioso conhecer com quais ideias, valores, pressupostos sobre a natureza brasileira os estudantes chegam às escolas a fim de que elas possam ser trabalhadas de forma adequada. De semelhante maneira, o modo e a intensidade com que a natureza é preservada depende, também, de como ele é vista e valorada.

3 MÉTODOS DE ANÁLISE

Este estudo seguiu a orientação da pesquisa bibliográfica e documental, no contexto geral do paradigma qualitativo, tentando, assim, averiguar o significado profundo de um determinado fenômeno.

O referencial teórico adotado foi o da ecocrítica, área de conhecimento interdisciplinar, cujo escopo é avaliar como as questões ambientais – principalmente as relações entre homem e natureza - são representadas pelo discurso literário e de outras linguagens. Foram aproveitados, igualmente, ensinamentos da teoria da literatura e dos estudos culturais.

4 RESULTADOS

Apresentam-se textos por meio de cuja discussão é ilustrada a gênese da construção de uma imagem de natureza brasileira esplendorosa, que adquire um valor patrimonial na medida em que é basilar para a forja da identidade nacional. Isto é, somos um povo definido por um meio natural que nos confere a particularidade de habitar o espaço de um paraíso terrestre. Nesse sentido, o esplendor do meio natural compensa e até legitima, de certo modo, as debilidades e as injustiças sociais da nação.

Lugar especial neste processo de construção deve ser dado aos cronistas do século XVI que se dedicaram a escrever sobre o Brasil recém-descoberto. Destes, atenção especial merece Pero Vaz de Caminha com sua carta, datada de 1500, relatando a D. Manuel a descoberta de terras. É possível considerar a **Carta** como compêndio de enaltecimento da natureza americana, principiando um movimento de descrição superlativa em que as paisagens, os rios, a fertilidade da terra e a salubridade dos ares são incomparáveis. Fácil concluir daí que a **Carta** – simbolicamente nossa certidão de nascimento – será espécie de matriz do ufanismo que, em certo momento, tomará conta do discurso nacionalista ingênuo e sem nenhuma visada crítica.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-

a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

O fragmento acima suscitou a ideia do “em se plantando tudo dá”, revelando-se um dos motes mais ecoados até hoje pelos brasileiros. Emanando desse enunciado, igualmente, uma semente do juízo do “deus é brasileiro”, já que, a bem do rigor, a terra é mágica e dispensa quase o trabalho da sementeira e do cultivo. Não passe despercebido outra ideia que se tornará lugar-comum, a saber: o clima nem tão quente nem tão frio, que parece ter sido criado na medida do ser humano, acolhendo-o e proporcionando-lhe bem-estar. O meio ambiente – mediado pelo discurso do europeu – age, pois, no sentido de configurar nossos primeiros traços identitários, a de um povo agraciado por Deus.

Idêntico tom de exaltação sobre o Brasil encontra-se no cronista português Pero de Magalhães Gandavo (1540-1579). Em **História da Província Santa Cruz** (1576), a natureza superlativa espalha-se por toda a obra. Conforme se lerá, tudo que diz respeito ao meio ambiente brasileiro é de grandeza infinita, de uma salubridade a toda prova e de um clima ideal para viver. O DNA de nossa identidade vai se configurando tendo por linha mestra a representação da natureza nacional. Relata Gandavo (2008, p.96):

É esta Província sem contradição a melhor para a vida do homem que cada uma das outras de América, por ser comumente de bons ares e fertilíssimo, e em grande maneira deleitosa e aprazível a vista humana. O ser ela tão salutífera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursam nela: os quais são nordestes e sul, e algumas vezes leste e lé-suestes. E como todos estes procedam da parte do mar, vêm tão puros e coados, que não somente não dão: mas recriam e acrescentam a vida do homem. A viração destes ventos entra ao meio-dia pouco mais ou menos e dura até de madrugada: então cessa por causa dos vapores da terra que o apagam, e quando amanhece as mais das vezes está o céu todo coberto de nuvens, e assim as mais das manhãs chove nestas partes, e fica a terra toda coberta de névoa por respeito de ter muitos arvoredos que chamam a si todos estes humores. E neste intervalo sopra um vento brando que na terra se gera, até que o sol com seus raios o acalma e entrando o vento do mar acostumado, torna o dia claro e sereno, e faz ficar a terra limpa e desimpedida de todas estas exalações.

Esta província é à vista muito deliciosa e fresca em grande maneira: toda está vestida de muito alto e espesso arvoredo, regada com as águas de muitas e muitas preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece abril e maio. E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que ofendam as suas plantas, como cá ofendem às nossas. Enfim que assim se houve a natureza com todas as cousas desta província, e de tal maneira se comedia na temperança dos ares, que nunca nela se sente frio nem quentura

excessiva.

No século XVIII, ilustra-se tal tendência com Sebastião da Rocha Pitta (1660-1738), historiador e autor da **História da América Portuguesa** (1730), da qual foram extraídos os excertos seguintes, que apontam para uma natureza que é a mais bela de todas quantas há mundo afora, para um meio ambiente aprazível e em harmonia com o homem, caracterizando o Brasil como extensão do paraíso na terra. O historiador encontra ainda ocasião para sugerir que o Eldorado pode ser aqui.

Do novo mundo, tantos séculos escondidos e de tantos sábios caluniado, onde não chegaram Hanon com as suas navegações, Hércules líbico com as suas colunas, nem Hércules tebanos com as suas empresas, é a melhor porção o Brasil; vastíssima região, felicíssimo terreno em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais útil alimento, as suas minas o mais tino ouro, seus troncos o mais suave bálsamo, e os seus mares o âmbar mais selecto; admirável país, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas férteis produções, que em opulência da monarquia e benefício do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido néctar

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é enfim o Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde tem nascimento e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inumeráveis habitantes. (ROCHA PITA, 1878, p. 3)

Realizando um salto em direção ao início do século XIX, nos albores do romantismo brasileiro e da independência política do país – encontram-se dois intelectuais estrangeiros – um português e outro francês – que acabaram, nessa linha, atuando na forja de uma identidade nacional escorada no aspecto grandioso da natureza. Trata-se de Almeida Garrett (1799-1854) e de Ferdinand Denis (1798 -1890), que indicaram aos escritores que a formação de uma literatura genuinamente nacional e autônoma da de Portugal dependia do aproveitamento de alguns temas em especial, dentre os quais a natureza brasileira (CAMPATO JR., 2018). Dito em outros termos, ser brasileiro na arte significa retratar o meio ambiente americano em sua opulência. É nesse sentido, portanto, que devem ser lidos e interpretados os excertos que seguem. O primeiro de Almeida Garrett e o segundo de Ferdinand Denis, cujos textos encontram-se reunidos em Cesar (1978).

E agora começa a literatura portuguesa a avultar e a enriquecer-se com a produção dos engenhos brasileiros. Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece; a educação europeia apagou-lhes o espírito nacional: parece que se receiam de se mostrar americanos, e daí lhes vem uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

O maravilhoso, tão necessário à poesia, encontrar-se-á nos antigos costumes desses povos [os indígenas], como na força incompreensível de uma natureza constantemente mutável em seus fenômenos: se essa natureza da América é mais esplendorosa que a da Europa, que terão, portanto, de inferior aos heróis dos tempos fabulosos da Grécia esses homens de quem não se podia arrancar um só lamento, em meio a horríveis suplícios, e que pediam novos tormentos a seus inimigos, porque os tormentos tornam a glória maior? Seus combates, seus sacrifícios, nossas conquistas, tudo apresenta aspecto esplendoroso.

Vale registrar que os poetas e romancistas românticos seguiram à risca os conselhos dos dois intelectuais e fizeram da exaltação das belezas naturais do Brasil a linha de força de uma arte literária que fosse típica do Brasil e que, por extensão, auxiliasse na criação de uma identidade nacional. Menciona-se como modelar dessa tendência a “Canção do Exílio” (1843), poema lírico de escritor maranhense Gonçalves de Dias (1823-1864), que segue abaixo transcrito:

A Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;

Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

O poema é sintomático de um projeto de construção identitária originado de Caminha. Verifica-se nele idêntica abordagem superlativa da natureza identificada no viajante português. O Brasil pode ser caracterizado como o melhor dos mundos, pois, entre outras razões, o meio físico revela-se providencial, edênico, incomparável. Pressupõe-se que diante de tal cenário natural o homem tenha orgulho de viver numa relação eternamente harmoniosa e distensa com o espaço. Nossa identidade vai se fundando com base num meio ambiente natural de dimensão patrimonial, no sentido de grandioso e simbólico e que busca se tornar um elemento fomentador da sensação de pertencimento, que as gerações herdaram umas das outras.

É, quanto ao mais, um discurso ideológico haja vista que apenas revela uma parcela da realidade nacional, restando escondidas as outras, sobretudo as mazelas de ordem social. Daí que colada ao poema de Gonçalves Dias ficou a pecha de símbolo do nacionalismo ingênuo e acrítico. Acrescente-se que a composição traduz o pensamento das classes dominantes não só do Brasil, como de Portugal. Seja como for, o poema caiu no gosto dos brasileiros letrados e em seguida de uma classe mais “popular”, chegando até a ecoar na letra do Hino Nacional Brasileiro (1909), outro importante documento de nossa identidade que acabou adotando a natureza como coluna vertebral. Eis para ilustração desse último ponto a estrofe abaixo

Do que a terra mais garrida
Teus risinhos, lindos campos têm mais flores
Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida, no teu seio, mais amores
(Duque Estrada, 1909)

Estabeleça-se, desde já, que os discursos identitários nacionalistas calcados no meio ambiente atualizam-se em outras modalidades de textos que não apenas os verbais. Enquadra-se nesse caso a pintura de Manuel de Araújo Porto Alegre (1860-1879), político, jornalista e pintor gaúcho, um dos mais representativos artistas plásticos brasileiros da era romântica. Autor de uma série de estudos sobre a natureza brasileira, nessas peças encontram-se o tom nacionalista exaltado, a cor local da floresta tropical e a expressão de uma paisagem exuberante, típicas de uma visão patrimonial do meio ambiente, que fornece aos brasileiros um elemento comum ao qual pertencer e do qual se orgulhar. Vejam para tanto, a floresta fechada, virgem, os troncos

altos a perder de vista, as árvores copadas, o rio caindo em pequenas cachoeiras.

Figura 1: Selva Brasileira. Aquarela de Manuel de Araújo Porto Alegre



Fonte: Internet. Domínio Público.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Ara%C3%BAjo_PortoAlegre#/media/Ficheiro:Araujo10.jpg

No seguimento do presente estudo, menciona-se **Por que me ufano do meu país**, livro publicado em 1900 pelo Conde de Afonso Celso (1860-1938). O autor explica em 11 capítulos por quais motivos os brasileiros deveriam orgulhar-se do Brasil, valendo-se, para tanto, de comentários fundados num nacionalismo exacerbado, distante de qualquer postura crítica ou equilibrada.

Vários desses capítulos são consagrados à natureza brasileira, que, invariavelmente, é exibida de forma idealizada, recuperando o discurso de Caminha, dos cronistas e dos românticos. O enaltecimento do meio ambiente – cuja grandeza nos diferencia dos outros países – acabou sendo absorvido programaticamente pelos anseios de classe dominante de forjar uma identidade “nobre” e conservadora para o Brasil e os brasileiros. Abaixo apresenta-se um pequeno trecho do capítulo 6, cujo título é “O Amazonas”.

Uma das maravilhas da natureza, o maior rio do mundo! A sua bacia é igual a 5/6 da Europa. Uma de suas ilhas, a de Marajó, excede em tamanho a Suíça. Nem todo ele pertence ao Brasil, mas a parte brasileira é, senão a mais extensa, a mais importante, curiosa e rica. Quem quiser conhecer o Amazonas tem de vir ao Brasil.

No Brasil, o mar doce, como lhe chamaram os primeiros exploradores, atira-se ao Atlântico, rolando rapidamente para esta tal quantidade d'água que quem voga no imenso estuário da embocadura, pergunta (diz um escritor) se o oceano não deve a sua existência a esse rio e se não passa de um receptáculo do líquido trazido por ele sem cessar. O rio luta com o oceano; vence-o. Durante largo espaço, impõe-lhe a cor e o gosto das suas águas.

A esta altura, convém mencionar que a identidade nacional atrelada ao conceito de um meio ambiente particular - expresso, acima de tudo, por uma natureza exuberante que nos faz agraciados dentre todas as nações - já é um postulado compartilhado por maciça parte dos brasileiros, que, independente de classe social, assumem a ideologia conservadora disseminada pela classe dominante.

A formulação da natureza superlativa chega aos registros mais populares por meio da comunicação de massa, servindo, direta ou indiretamente, aos planos do regime militar brasileiro, que se valeu de tal ideia, também, para sustentar a ditadura (1964-1985). Com efeito, o propósito era aplacar a necessidade de democracia, convencendo todos de que viver no Brasil - país "abençoado por Deus e bonito por natureza" - correspondia a muito mais do que um cidadão comum poderia aspirar. Em outras palavras, a mensagem era de que não havia por que mudar a situação. Foi nessa direção que seguiram canções de fama estrondosa para a época, como "Eu Te Amo, Meu Brasil", composto por Dom, da dupla Dom e Ravel, em 1970, e sucesso na interpretação do grupo "Os Incríveis". Eis a letra da referida canção.

Eu Te Amo Meu Brasil – Os Incríveis. Composição: Dom (1970).

Escola...

Marche...

As praias do brasil ensolaradas

Lá lá lá lá...

O chão onde país se elevou

A mão de Deus abençoou

Mulher que nasce aqui

Tem muito mais amor

O Céu do meu Brasil tem mais estrelas

O sol do meu país, mais esplendor

A mão de Deus abençoou

Em terras brasileiras vou plantar amor

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo

Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo

Ninguém segura a juventude do Brasil

As tardes do Brasil são mais douradas
Mulatas brotam cheias de calor
A mão de Deus abençoou
Eu vou ficar aqui, porque existe amor

No carnaval, os gringos querem vê-las
Num colossal desfile multicolor
A mão de Deus abençoou
Em terras brasileiras vou plantar amor

Adoro meu Brasil de madrugada, lá, lá, lá, lá.
Nas horas que eu estou com meu amor, lá, lá, lá, lá.
A mão de Deus abençoou.
A minha amada vai comigo aonde eu for.

As noites do Brasil tem mais beleza, lá, lá, lá, lá.
A hora chora de tristeza e dor, lá, lá, lá, lá.
Porque a natureza sopra e ela vai-se embora enquanto eu planto amor.

Eu te amo meu Brasil, eu te amo.
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil.
Eu te amo meu Brasil, eu te amo.

Ninguém segura a juventude do Brasil. 2 x

Em 2018, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), no contexto da intensa polarização ideológica que, de uns tempos a esta parte, tem dividido os brasileiros entre direita e esquerda, não se furtou de se posicionar politicamente ao lado do ultranacionalismo de direita e do regime de exceção. Para isso, chegou a veicular propaganda nos intervalos de sua programação rotineira com a música “Eu te amo me Brasil”. Trata-se, sem dúvida, de uma conclamação de união identitária em favor de uma concepção de nação, que bebe nas fontes da ideologia conservadora da natureza superlativa que tudo provê.

4 CONCLUSÃO

Em função do exposto, conclui-se, antes de tudo, o quanto a noção de meio ambiente é significativa para o Brasil e para os brasileiros e de como ela se deixa examinar em seu processo de complexa gestação. A beleza natural do país foi alçada ao patamar de patrimônio, a um nível de elemento identitário nacional naquele sentido inadequado em que as identidades são consideradas como fixas e imutáveis, representativas de uma essência permanente e compacta. Todavia, é relevante testemunhar que esse movimento é de índole ideológica, fazendo parte de uma representação e construção cultural bem mais ampla, emanada, especialmente, das classes econômicas mais abastadas e conservadoras. A mensagem alienadora de tal classe ao longo dos

anos semelha ser aquela segundo a qual não se deve aspirar a grandes mudanças sociais, econômicas e políticas no Brasil, visto que morar no país já constitui por si só um privilégio que a tudo compensa.

Ter essa complexa rede de significados e valores presente e consciente se faz indispensável quando se pensa em educação ambiental e mesmo em educação patrimonial eficientes. Essas modalidades de educação poderiam ser mais produtivas quando se parte de um exame histórico das representações sociais de natureza e de patrimônio, compartilhadas por alunos, professores, livros didáticos, meios de comunicação e artes em geral e de como e em benefício de quem elas têm sido usadas.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINHA, P.V. de. **Carta do achamento do Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

CAMPATO JR, J.A. Natureza e identidade da literatura brasileira: um ensaio de ecocrítica. **Revista Científica ANAP Brasil**. V.11, n.22. 2018. p.29-38.

CANCLINI, N. G. O patrimônio cultural e a construção do imaginário do nacional. **Revista do Patrimônio Artístico Nacional**. no. 23. p.94-115, 1994.

CÉSAR, Guilhermino. **Historiadores e críticos do romantismo**. 1- a contribuição europeia: crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

GANDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil e História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**. Brasília: Senado Federal. 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ROCHA PITA, Sebastião da Rocha. **História da América portuguesa**. Bahia: Imprensa Econômica, 1878.

ZANIRATO, S.H. Usos sociais do patrimônio cultural e natural. **Patrimônio e Memória**. CEDAP, v.5, n.1, out. 2009, p.137-152.